

EDITORIAL

Em *Crônicas de uma conquista*, publicado em 1993, Lévi-Strauss relata que não seriam “apenas os índios, mas também os brancos” a serem “ameaçados pela cobiça de ouro e pelas epidemias introduzidas por estes últimos”, já que todos seriam “arrastados pela mesma catástrofe” (p. 7). Eis uma sabedoria yanomami para os nossos atuais e vindouros tempos, ao nos colocar frente aos equívocos de insistirmos em um modo de vida centrado no individualismo liberal e a expensas do coletivo.

A peste, sabemos, não é a causa desta catástrofe, mas apenas seu resultado mais ou menos imediato. Em outras palavras, a crise sanitária sucede à crise social e econômica que lhe dá fundamento – uma espécie de variação das reiteradas crises do Capitalismo. A atual peste permite que nos deparemos com o óbvio – apesar de ameaçar mais expressivamente a maioria sempre desprivilegiada da população – expondo a todos à potencial condição de miserabilidade.

Ao longo destes pouco mais de cem dias de solidão, nossa geração pôde aprender que: 1-) uma sociedade sustenta-se na condição de cada um fazer a sua parte como cidadão, isto é, participante da coisa pública; 2-) de que não existe República sem estratégias políticas voltadas, efetivamente, a sua população; 3-) escancara que a condição de isolamento produz modalidades de sofrimento que eram, até então, inéditas ou reservadas àqueles que adentravam o sistema dos manicômios, prisões e conventos; 4-) aponta que a quarentena é tática do medievo e pode muito bem servir aos interesses estatais de se esquivarem do dever que têm de garantir políticas sociais públicas, como de saúde, ciência e tecnologia; 5-) além de atestar o que a pós-modernidade nos traz de pior, a saber, a estupidez calcada na pós-verdade, em que até mesmo a Terra foi tornada plana.

No seio da pós-modernidade, por onde se alastram notícias falsas e conspiratórias, a gripe noticiada no diminutivo trazia, desde o início, uma crise que colocava o caráter sanitário da peste no seu devido lugar. Afinal, “sanitário” também costuma designar o local adequado para a série escatológica e obscena de tudo o que nos chega pelo discurso presidencial deste país. Ao encarnar o bufão a serviço dos interesses de poucos endinheirados, o atual governo continua a se esquivar da responsabilidade frente às consequências oriundas do retrocesso de direitos sociais conquistados historicamente.

Estejamos atentos: quantos mil mortos precisam ser computados para que cada um tenha lugar de dignidade, reconhecimento e memória? Apesar de ameaçado, o xamã yanomami nos ensina e segue seu discurso calcado no pensamento de “trabalhar para o bem de todos”, fazendo-nos lembrar do que se trata quando se trata de fazer política (p. 7). Por isso, neste momento, as(os) editoras(es) da revista Pathos apostaram em uma edição especial; uma espécie de lugar reservado à memória destes nossos tempos de pandemia pelo COVID-19.

Como manifesto, sua capa traz a crítica social de nossos tempos a partir do olhar infantil. Elaborada por uma criança que, voluntariamente, nos cedeu sua arte, ela nos remete a duas posições: o cuidado e responsabilidade de uns com os outros representados pelo uso adequado de máscaras e, a inépcia traduzida pela caricatura presidencial que, com sua cegueira proposital, mostra-se omissa e, ao mesmo tempo, atuante em processos de violação e desmonte de direitos constitucionais.

Destarte, no corpo deste volume apresentamos duas pesquisas desenvolvidas pela Pathos. A primeira se debruçou acerca do impacto da pandemia do coronavírus em crianças brasileiras de 04 a 11 anos. Um dos resultados apontou que parte delas utilizam de forma saudável recursos da fantasia no enfrentamento simbólico e concreto da doença, enquanto que outras valem-se mais da realidade e a concretude nesse enfrentamento, mesmo sendo provocadas a responder pelo universo da fantasia. Processos de identificação e agressividade também aparecem como resultados e tal manifestação foi entendida e interpretada como um recurso saudável e valioso do desenvolvimento emocional infantil.

O texto seguinte expõe elementos de uma pesquisa desenvolvida com 174 adultos, brasileiros e brasileiras, sobre os impactos psicossociais decorrentes do isolamento e quarentena provocados pela pandemia do Coronavírus. Os resultados apontaram, de modo geral, para sensações e sentimentos contraditórios entre os sujeitos pesquisados, envolvendo esperança e a possibilidade de encontros significativos para alguns e, já para outros, o desamparo, sofrimento e resignação. Foi evidenciado também marcas psíquicas ocasionadas pelo momento pandêmico, como produção de manifestações inconscientes específicas através dos conteúdos oníricos observados, alterações em hábitos alimentares, entre outras relevantes na vida cotidiana da população estudada.

Por fim, três pontos importantes e que, de algum modo, são contemporâneos à peste, figuram na Seção Conjunturas: a homenagem ao ator Chadwick Boseman, intérprete do Pantera-negra, que trouxe representatividade negra em meio ao universo dos super-heróis; os impasses do acordo comercial Mercosul e União Europeia motivado pelo descontrole e descuido do governo brasileiro com o meio ambiente; e a vitória pela aprovação do FUNDEB enquanto política pública a despeito das manobras político-partidárias do governo.

Convidamos a *todes*, então, à leitura deste volume que traz consigo um tanto de nossa sede por uma transformação radical de nosso modo de viver a vida, fazendo eco à sabedoria coletiva de nosso xamã yanomami.

Fraternalmente,

Equipe Editorial

REFERÊNCIAS

LÉVI-STRAUSS, C. Apresentação. Em: Crônicas de uma conquista. *Etnias*, vol. 14, pp 5-7, 1993.